



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People *zBbY*

Notícias 11

Nº. 11 Vol. 21 - Novembro de 2000

A PRESENÇA BRASILEIRA NO 27º CONGRESSO DO IBBY

No 27º Congresso do International Board on Books for Young People – IBBY, a FNLIJ – seção brasileira desta Organização Internacional para o Livro Infantil e Juvenil – promoveu a ida à Colômbia de 68 profissionais da área do livro de nosso país, entre autores, ilustradores, editores, bibliotecários, críticos, pesquisadores, professores e demais especialistas neste campo de criação e produção literária, artística e editorial.

A avaliação da presença e da participação brasileira no 27º Congresso ultrapassou as nossas expectativas. Há seis anos, as seções latino-americanas do IBBY pensaram em conjunto este encontro, com o objetivo de divulgar a literatura para crianças e jovens que é feita na América Latina. E de 18 a 22 de setembro, com a presença expressiva da Argentina e do Brasil, além de todos os outros países latino-americanos, foi possível mostrar tanto a produção artística quanto a produção intelectual de nossa região. Certamente os participantes dos outros continentes saíram com uma visão extremamente positiva. Depois do êxito total deste 27º Congresso, a FNLIJ tem recebido inúmeras mensagens de congratulação, de afeto e de incentivo, que vão ser publicadas

nesta e nas próximas edições de nosso informativo. E, para falar sobre o desempenho dos brasileiros em Cartagena, trazemos o artigo da escritora e jornalista Luciana Savaget, publicado no jornal *O Globo* de 27 de setembro, e nossos agradecimentos, feitos através de carta enviada a este jornal, publicada, em parte, em 2 de outubro.

“A PRAIA DAS CRIANÇAS”

LUCIANA SAVAGET

“Pelo mar das Antilhas anda um barco de
papel
anda e anda o barco,
barco, sem timoneiro...”

Pego emprestado alguns versos de Nicolás Guillén para resumir o 27º Congresso do International Board on Books for Young People – IBBY, que reuniu, em Cartagena de Índias,



Ziraldo criou o mascote para o Congresso de Cartagena em 1998. Criou o Chu, amigo em língua “chibcha”, um menino com traços das etnias indígenas da Colômbia, que expressa a mesma espontaneidade de seu personagem Menino Maluquinho. De braços e páginas abertas para o mundo, o mascote convida todos

na Colômbia, os maiores nomes da literatura infantil do mundo. Durante uma semana, de 18 a 22 de setembro, o barquinho de papel do poeta cubano levou a bordo escritores e acadêmicos das mais importantes universidades internacionais. Conterrâneos de Guillén, japoneses, bolivianos, venezuelanos, argentinos, finlandeses, indianos e brasileiros, gente de variadas realidades, juntos, provando que os sonhos não têm fronteiras.

Éramos quase mil adultos dedicados a uma intensa troca de idéias sobre os caminhos da literatura para os pequeninos deste milênio que vem nascendo: “um novo mundo para *um mundo novo*”. Nem a nuvem de violência que paira sobre a Colômbia impediu que todas aquelas pessoas se encontrassem na cidade con-

siderada Patrimônio Histórico da Humanidade, à beira do Pacífico, para falar da criança, os seus encantos e os seus espantos. Ali, como em quase todos os cantos do mundo, os medos se transformaram: desapareceram os medos imaginários, infantis, descritos nos livros, como da bruxa má e do lobo mau. Esses personagens cederam lugar a um temor sem rosto, extraído não mais da imaginação, mas da própria realidade, como seqüestros, bombardeios, assassinatos... O país que nos recebeu e que tanto sangra pela falta de sonhos e fantasia, não poderia ser um lugar mais propício para se discutir o resgate da infância como patrimônio indissolúvel da humanidade.

Apesar da violência, a criança jamais deixará de ser criança. Mesmo na tumultuada Colômbia, onde Cartagena ainda é a cidade mais tranqüila. Não para o Nobel Garcia Marques, que embora seja seu filho mais ilustre, viu-se obrigado a buscar segurança longe de onde nasceu e se inspirou. Ele não pôde, assim, participar desse bando de gente

grande que “invadiu” sua cidade para reabilitar as fadas madrinhas e os mágicos duendes. Porque no mundo dos livros – que o autor de *Cem anos de Solidão* tão bem conhece – tudo é diferente. E muitas conclusões foram tiradas: a principal delas é de que a missão do escritor infantil não se limita a contar histórias. Como falar de sonhos, lobo mau e cinderela, quando as crianças olham para o lado e vêem sangue, fome e morte?... O desafio e o compromisso de quem escreve para crianças são, portanto, bem superiores ao fascínio da palavra.

Tão importante quanto resgatar o imaginário, é buscar as condições de resgatar a própria condição de sobrevivência dessa infância ameaçada de exclusão humana e social. Ajudar a transformar o mundo através de uma cumplicidade sincera com os pequenos, oferecendo-lhes a oportunidade de resgatar sua própria inocência, estou certa de que é o antídoto mais eficaz contra a violência.

Seguimos nesse rumo em nossos barquinhos de papel, envolvidos nas histórias e experiências de profissionais que lutam sem desistir da fantasia. Lá, “um canhão de chocolate, contra o barco disparou e um canhão de açúcar, açúcar

respondeu”...

A barcaça brasileira estava cheia. Na proa, o Menino Maluquinho acenava com uma bandeira, anunciando seu criador, Ziraldo, que desenhou o símbolo do congresso; Lygia Bojunga, a primeira brasileira a ganhar o prêmio Hans Christian Andersen; Marina Colasanti, Rogério Andrade Barbosa, Angela Lago, a incansável equipe de idealistas da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e mais 68 brasileiros, entre editores e educadores, todos levando na bagagem as armas da esperança que era discutir a literatura para as crianças.

A comemoração maior foi o prêmio Hans Christian Andersen, o Nobel da literatura infantil, dado pela segunda vez a uma brasileira: Ana Maria Machado. Com olhos de luz, Ana Maria falou por nós. Representou com orgulho o trabalho da criação brasileira. Agora navega pelo Atlântico, Pacífico ou Caribe, não mais um barco com casco de papel e sim uma frota, branca, azul, vermelha, tão colorida... tão forte, com tantas cores... provando que mesmo parecendo frágil, continua muito resistente.

“Luciana traduziu o sentimento que invadiu a todos nós”

Belo o artigo de Luciana Savaget “A praia das crianças” publicado em *O Globo*, na quarta-feira, dia 27 de setembro.

Luciana traduziu o sentimento que invadiu a todos nós, os 68 brasileiros que estivemos presentes em Cartagena de Índias, Colômbia, para participar do 27º Congresso do IBBY. Eram mais de oitocentas pessoas, representando 40 países, reunidas em torno da defesa do direito à leitura de bons livros para as crianças e jovens do planeta.

Como seção brasileira do International Board on Books for Young People-IBBY e promotores do congresso no Brasil, agradecemos à Luciana pelo artigo que para nós simboliza o coroamento do trabalho de 5 anos, quando procuramos mobilizar artistas, educadores, pesquisadores e editores para conhecerem o trabalho internacional da instituição que representamos.

No estande do Brasil, a procura crescente por livros de nossos autores ia dando a medida do sucesso das inúmeras apresentações dos brasileiros em conferências, mesas-redondas, seminários e encontros dos autores com o público. E no belo Teatro Heredia, nossas mentes e corações acenaram bandeiras e o nosso peito estufou de orgulho quando Ana Maria Machado agradeceu humilde e generosamente ao Brasil por seu merecido Prêmio Hans Christian Andersen, em belíssimo e audacioso discurso.

Em nossas bagagens trouxemos esperanças e forças renovadas para continuar acreditando que a oportunidade de ler livros de qualidade é o instrumento mais poderoso e barato para enriquecer a imaginação e construir uma educação de qualidade para todos. Só assim, encontraremos os caminhos que levam à justiça social, à paz e à solidariedade que sonhamos para o Brasil.

Esperamos que a manifestação de Luciana, tão espontânea, bonita e sincera, desperte em todos que leram o seu artigo a dimensão social da leitura literária para a vida de todos os brasileiros.

Ler junto é dar afeto. A leitura partilhada com nossas crianças e jovens nos torna cúmplices para sonhar e construir um mundo novo.

Elizabeth D'Angelo Serra
Secretária Geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Conferências do 27º Congresso do IBBY

Das oito conferências planejadas, aconteceram apenas sete. Infelizmente, Bartolomeu Campos Queirós, do Brasil, que abordaria o tema "Das culpas do escritor", não pôde viajar para a Colômbia, devido a problemas de saúde. Sua ausência foi bastante lamentada, mas ele já está recuperado e retornou a suas múltiplas atividades, como escritor e editor, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Apresentamos a seguir um breve resumo de seis Conferências.

Margareth Meek, da Inglaterra, a partir do tema *Literatura Infantil e Identidade Nacional*, abordou a questão da pluralidade cultural, ou multiculturalismo, e destacou a universalidade dos temas existentes nos livros para crianças e jovens, tanto nos textos quanto nas ilustrações.

Michèle Petit, da França, falou sobre o *Elogio do encontro*. A escritora brasileira Nilma Gonçalves Lacerda fez alguns interessantes comentários sobre esta conferência para o *Notícias*: "Michèle Petit pontua suas palavras com relatos que confirmam a biblioteca como um espaço social onde se manifestam sujeitos singulares e se engendra a aliança entre história pessoal e metáfora. Lugar do possível, a biblioteca é uma agência de encontro do sujeito consigo próprio e possibilita a transformação e reinvenção da vida".

Katherine Paterson, dos Estados Unidos, em *Livros para crianças: pontes para novos mundos*, esta autora, que recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen em 1998, falou sobre o encontro entre dois mundos, a partir da perspectiva asiática e européia, numa abordagem pessoal e única.

Nilma Gonçalves Lacerda, do Brasil, levou para Cartagena sua fala poética, discorrendo sobre o tema *Flores de madeira, feridas – O mundo pela metade*. Nilma destacou, em sua exposição, que a narrativa instaura suas próprias necessidades e avanços, e que o importante é que não haja país sem livros para crianças e jovens, pois a leitura é uma experiência transformadora – o livro é o lugar do possível.

Teresa Colomer, da Espanha, em *Uma nova crítica para um novo século*, falou sobre a qualidade literária dos textos para crianças e jovens, sobre a necessidade de uma educação literária nas escolas e sobre os critérios que devem nortear a crítica literária dos livros dirigidos ao público infantil e juvenil. (Estaremos publicando em próximo número do *Notícias* um artigo de Laura Sandroni, no qual ela apresenta alguns pontos que Teresa Colomer desenvolveu na conferência pronunciada no 27º Congresso do IBBY e também em seu livro, editado pela Fundação Germán Sanchez Ruiperez: *La formación del lector literário, narrativa infantil y juvenil actual*, ainda não publicado no Brasil.)

Graciela Montes, da Argentina, em sua conferência *O bosque e o lobo/ Construindo sentidos numa época de indústria cultural e de globalização forçada*, destacou que, nos dias de hoje, a dissolução de

fronteiras e a globalização econômica podem levar as práticas culturais, entre as quais se insere a literatura infantil e juvenil, à homogeneização e à fragmentação. Mas, em contrapartida, a diversidade e o intercâmbio podem trazer novos temas para serem explorados e desvendados.

PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NO 27º CONGRESSO DO IBBY

A participação brasileira nos diferentes fóruns deste evento internacional – conferências, mesas-redondas, seminários, relatos de experiências – será divulgada nos Anais do 27º Congresso do IBBY. A FNLIJ também fará uma publicação com todos os trabalhos apresentados pelos brasileiros. A Fundalectura, seção colombiana do IBBY, em breve vai disponibilizar os textos na Internet.

Nesta edição do *Notícias*, a FNLIJ faz um agradecimento muito especial a todos os brasileiros que estiveram em Cartagena de Índias, participando do 27º Congresso, que puderam conhecer de perto como é o trabalho do IBBY, organização que orgulhosamente representamos.

Aclenilce Sousa Ferreira (MG); Alba Regina Spinardi Bueno (SP); Ana Maria Guerra (MG); Ana Maria Machado (RJ); André Carvalho (MG); Angela Lago (MG); Annete Baldi (RS); Beatriz Maria de Oliveira Dusi (RJ); Célia Regina Fernandes (SP); Claudia Montillo (RJ); Denya Moreira Rabelo (MG); Elza Maria Rocha Pádua (RJ); Ester Abreu de Oliveira (ES); Ester Calland Rosa (PE); Eva Furnari (SP); Francisco Aurélio Ribeiro (ES); Gabriela Massa Campos (RJ); Geraldo Majela Martins (MG); Gloria Kirinus (PR); Ieda de Oliveira e Helênio Oliveira (RJ); Isabella Massa de Campos (RJ); José de Alencar Mayrink (MG); José Roberto Whitaker Penteadro Filho (RJ); Leila Bortollazi (SP); Lelia Lofego Rodrigues e Afonso Martins (MA); Lúcia Pimentel de Góes (SP); Luciana Sandroni (RJ); Luciana Savaget Leite (RJ); Luis Alves Júnior (SP); Luiz Carlos Neves (residindo na Venezuela); Lygia Bojunga (RJ); Margareth Costa (MG); Margarida Maria Figueiredo (MG); Maria Aparecida Arias Fernandez (PE); Maria de Lourdes Belém e Maria Alexandra de Oliveira (SP); Maria dos Prazeres Mendes (SP); Maria Helena Teixeira (ES); Maria Inês Martins (RJ); Maria Luiza Batista Bretas Vasconcelos (GO); Maria Zaira Turchi (GO); Marianita Bueno (SP); Marina Colasanti (RJ); Marisa Lajolo (SP); Mônica Palacios (SP); Nadja de Carvalho Lamas (SC); Nilma Lacerda (RJ); Pascoal Soto (RJ);

Paulo Novelli (SP); Rita de Cássia Lima Vaz (RJ); Rita Maria Vaz de Mello (MG); Rogério Andrade Barbosa (RJ); Ronald Claver (MG); Rosângela Maria Bezerra-Rosinha (PE); Sandra Horta (RJ); Sonia Moreira (DF); Sueli de Souza Cagneti (SC); Vera Mangas (RJ); Virginia Palermo (RJ); Ziraldo (RJ).

EDITORAS E EMISSORAS DE TV BRASILEIRAS NA FEIRA ÍBERO-AMERICANA DO LIVRO

Além de promover e organizar a ida dos profissionais brasileiros que foram a Cartagena, na Colômbia, para o 27º Congresso do IBBY, a FNLIJ organizou e administrou o estande coletivo brasileiro, que contou com a apresentação de 18 editoras, e expôs o trabalho desenvolvido com a literatura infantil e juvenil por programas de TV. A MultiRio, produtora da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, e o Canal Futura, da Fundação Roberto Marinho, participaram do estande levando as séries de literatura infantil que fizeram em parceria com a FNLIJ. Editoras e Televisões que participaram: Callis Editora, Canal Futura, Editora Armazém de Idéias, Editora Ática, Editora Berlendis & Vertecchia, Editora Cia. das Letrinhas, Editora Ediouro, Editora Formato, Editora FTD, Editora Global, Editora Livros do Maco, Editora Manati, Editora Melhoramentos, Editora Moderna/Salamandra, MultiRio, Editora Nova Fronteira, Editora Paulinas, Editora Projeto, Editora RHJ, Editora Studio Nobel.

Secretária geral da FNLIJ é eleita para a Vice-presidência do IBBY

Para culminar esta expressiva participação brasileira no 27º Congresso, a secretária geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Elizabeth Serra, foi eleita para o Comitê Executivo do IBBY, para exercer o cargo de vice-presidente da Organização, reforçando, assim, a participação latino-americana na entidade. Esse cargo já foi ocupado pela FNLIJ em 1970 por Ruth Villela de Souza; em 1972 e 1974, por Leny Werneck, e em 1978 por Regina Yolanda. Agora, depois de 20 anos, teremos de novo a voz e os sonhos de outra brasileira nesta Organização Internacional.

DE OLHO NO INVISÍVEL

Ana Maria Machado

No belo teatro Heredia, em Cartagena de Índias, na noite do dia 21 de setembro, aconteceu o momento mais esperado e festivo para todos os brasileiros presentes ao 27º Congresso: a entrega do Prêmio Hans Christian Andersen à escritora brasileira Ana Maria Machado. Nesta cerimônia solene esteve presente, como representante de Ex.mo Sr. Ministro da Educação, Paulo Renato Souza, sua assessora Sônia Moreira. O Notícias transcreve na íntegra o discurso de Ana Maria. É um texto para ouvir, ler, pensar e se emocionar. Um convite à reflexão sobre nossa língua, nossa pátria, nossa história e nossa literatura.*

Muitas vezes me vi diante de plateias – maiores ou menores – à espera de minhas palavras. Dei aulas, fiz palestras, prestei depoimento quando fui presa pelos militares em meu país durante a ditadura. Mas nunca vivi um momento como este. Um momento que, para mim, é mágico. Talvez porque este seja um momento que lida com a essência de mim mesma e da cultura que me formou. Uma essência ao mesmo tempo extremamente individual e amplamente coletiva. E, como já disse um poeta francês, o essencial é invisível para os olhos. Vou tentar, com minhas poucas palavras, fazê-lo tomar forma diante de todos, para podermos compartilhar a magia do momento.

Para começar, tentarei fazer com que minhas palavras atuem como o avesso da capa de invisibilidade dos contos de fadas para que, ao contrário do capacete com que Perseu enfrenta a Medusa, não façam alguém se tornar invisível, mas dêem visibilidade ao que não se vê. Porque se hoje eu estou aqui diante de todos, visível, é apenas graças ao trajeto coletivo e invisível de quem me trouxe até este instante. A muitos deles já agradei em outras ocasiões, em entrevistas ou quando recebi homenagens no Brasil pelo prêmio. Mas é justo repetir esta ladainha de gratidão.

A Monteiro Lobato, pioneiro da literatura infantil brasileira, autor do primeiro livro que li em minha vida e fez de mim para sempre leitora. A quem me contou histórias antes disso e aos autores que li desde então. A meus professores e a meus amigos que falaram de livros comigo. A minha família que me cercou de livros: pais, avós, tias e tios que

me contaram histórias, irmãos, filhos, sobrinhos que discutiram comigo suas leituras ou meus manuscritos. A meus leitores que quebraram o encanto dos livros fechados e vêm me lendo, com tanta fidelidade e entusiasmo, por mais de 30 anos. A meus editores que transformaram minhas histórias em objetos concretos, de papel, e tornaram possível meu encontro com o outro. Aos ilustradores, que ajudaram a tornar minhas palavras atraentes para os pequeninos. Aos críticos que me destacaram, em suas resenhas, artigos, trabalhos acadêmicos e premiações. Aos júris que me deram prêmios, principalmente aos jurados deste Prêmio Andersen, num trabalho voluntário e não-remunerado, tão duro e por tanto tempo... E incluo em meu agradecimento os especialistas em língua portuguesa por eles consultados, que colaboraram para que eu acabasse recebendo tão grande honra. À seção brasileira do IBBY, que soube vencer minha relutância em me candidatar e conseguiu organizar um dossiê tão bem feito que foi capaz de convencer os jurados. À seção colombiana do IBBY, que nos recebeu tão maravilhosamente nesta cidade, tão linda entre as mais lindas, coroando um trabalho muito bem feito diante de tantos obstáculos, ainda mais num momento tão doloroso e difícil para seu país. E por último, mas nem por isso menos importante, agradeço aos outros escritores brasileiros de livros para crianças que souberam elevar nossa criação a um nível artístico tão alto que se constitui num presente para qualquer artista, pois apresenta cada vez desafios mais difíceis... A todos evoco neste momento, trazendo-os a esta sala. Sem

eles, eu não estaria aqui agora. Mas além de me sentir grata, honrada e feliz, eu tinha que passar das emoções a uma análise mais racional. E comecei a examinar o que fiz, tentando descobrir que qualidades em meu trabalho poderiam ter impressionado o júri, fazendo com que me desse um prêmio desses. Um prêmio que foi logo encampado por tanta gente, como pude ver pela quantidade de mensagens que recebi de todas as partes do Brasil, da América Latina e de Portugal, de pessoas que se referiam a ele como “nosso prêmio”. Logo percebi que, muito mais do que uma celebração individual, tratava-se do reconhecimento de uma forma coletiva de contar histórias e fazer livros para crianças. Histórias que se apóiam na certeza de que a magia e a realidade constituem um todo e não podem ser dissociadas. E livros que insistem em afirmar a autoria. Livros que brotam visceralmente de dentro de um escritor, de sua mente, de seu coração, e não de uma exigência dos editores ou uma pesquisa de mercado. Livros que são obras, não produtos – para voltarmos à distinção feita por Robbe-Grillet. Livros escritos por autores de verdade, como assinalou a escritora australiana Patricia Wrightson, a única outra vencedora do Andersen que veio do Hemisfério Sul, além de Lygia Bojunga e eu. Em 1986, em Tóquio, quando recebeu o prêmio, ela fez o elogio do “autor com a visão secreta e a necessidade solitária de transformá-la em história”, entre os padrões gerais de consumo de massa e produção maciça, cuja única preocupação é “gerar o máximo de lucro possível, aplicando a fórmula que deu certo.” Fico feliz em ser

* O escritor José Roberto Whitaker Penteadou escreveu interessante artigo – “Patinho feio, nós” – publicado no Jornal do Commercio de 12/13 de outubro, no qual tece comentários a respeito da valorização do escritor brasileiro e da “nossa língua portuguesa”, tema abordado com tanta lucidez por Ana Maria Machado neste discurso.

incluída entre os que pertencem a esta espécie em extinção. Como tenho dito de outras vezes, escrever, para mim, obedece a dois impulsos. Por um lado, a tentativa de fixar uma experiência fugaz e, assim, viver a vida com mais intensidade, apreendendo nela alguns aspectos que eu não havia percebido ainda – ou seja, compreender seu sentido. O outro impulso é minha vontade de compartilhar essa visão e essa compreensão, na esperança de que algo fique de minha efêmera passagem pelo mundo e dessa forma eu possa ser útil aos outros. Para isso, conto com a palavra escrita e os recursos que minha língua me oferece. Aí é que tudo se origina – em meu amor pelo meu idioma.

Ao me aproximar da linguagem com essa atitude amorosa e respeitosa, para poder contar histórias, construindo essas narrativas em meu próprio estilo, tenho que confiar na memória e na imaginação. Memória do que vi e vivi, muitas vezes na infância. Imaginação que nunca foi tão soberana como em meu tempo de menina. Daí o papel fundamental do universo infantil na minha relação com a literatura.

Infância e visibilidade mágica têm muito em comum, como tão bem explicou Maria Montessori:

“A capacidade de observar intensamente e em detalhe tudo o que está à nossa volta – coisas que para nós, adultos inanimados, são insignificantes – com toda certeza é uma forma de amor. A inteligência infantil observa com amor, não com indiferença, e é exatamente isso o que faz com que as crianças sejam capazes de ver o invisível.”

Em seguida, Montessori continua, empregando um bela expressão tomada de empréstimo de Dante, *intelletto d'amore*, para definir essa atitude infantil, seguramente próxima daquilo que, em diferentes contextos, tanto Rachel Carlson quanto Katherine Paterson chamaram de sensação de deslumbramento.

Reconheço no que escrevo alguns vestígios sobreviventes dessa atitude infantil diante do mundo, paralelamente a meu amor pelas palavras e pela linguagem. E tenho certeza de que aquilo que me leva a escrever – seja lá o que for – tem a

ver com tudo isso, não com pesquisas de mercado, encomendas de editores, séries de personagens que estão na moda, ou assuntos e tópicos que estão em evidência no momento. Mas também tenho certeza de que não estou sozinha nessa tribo.

Depois de ter encontrado e reconhecido minha família de escritores, levei adiante minha reflexão sobre o significado deste Prêmio Hans Christian Andersen. Após a primeira leva de festejos e entrevistas, tentei me recolher, sair da multidão e pensar mais nisso tudo. E percebi que um prêmio desses é muito mais do que apenas o reconhecimento de uma maneira brasileira de contar histórias. Vai muito mais adiante e passa as fronteiras da admirável ação do IBBY, apoiando a criação artística no campo do livro infantil, tantas vezes solapada pela incrível expansão do mercado contemporâneo. Vai além, muito além, e avança no tempo, tendo que enfrentar os desafios do futuro.

Nesse sentido, com muita clareza, o prêmio não tem para mim o menor sentido passadista, ao me colocar numa ilustre galeria, lado a lado com os grandes autores da grande tradição universal de escrever para crianças. Pelo contrário, ele tem a ver com a obrigação de correr riscos, com visões do que está por vir, com sonhos. A medalha tem um peso, que me força a assumir a responsabilidade de usá-la como base, como um trampolim, para saltar num mergulho em direção ao futuro.

E é devido a esse sentido de futuro, que eu corro o risco de me repetir e insisto no aspecto coletivo do prêmio. O significado deste reconhecimento não pode se limitar a uma consagração individual. Precisa incluir todos aqueles seres invisíveis que eu já mencionei e muitos mais, que ainda vou chamar para esta comemoração. Para nós, é um símbolo de esperança. Com o prestígio de um prêmio assim, esperamos quebrar as cadeias e barreiras que nos mantêm trancados numa prisão: o gueto de escrever em português e de expressar o ponto de vista de uma cultura marginal e ignorada.

Apresentar-me como representante da cultura brasileira significa, na melhor das hipóteses, ser vista

sob as luzes do exotismo ou ser paternalizada, de cima, numa atitude superior e condescendente. Pode ser que um prêmio como o Andersen constitua um caminho para escapar desses preconceitos e permita que eu seja considerada pelo que meu trabalho vale, seja qual for esse valor, lado a lado com outros autores do mundo.

Nesse sentido, a medalha e o diploma não podem ser uma linha de chegada. Precisam ser um ponto de partida. Desde o instante em que o prêmio é anunciado, ele passa a ser uma possível ponte entre diferentes povos e culturas, uma sugestão para traduções. O verdadeiro Prêmio Hans Christian Andersen só virá depois – quando uma criança num país bem diferente do meu ler o que escrevo e chegar a conhecer minhas palavras, personagens, imagens, sentimentos e idéias. Só então, teremos o verdadeiro momento mágico – quando a obra premiada será recoberta pela capa da visibilidade.

Traduzida, poderá ser vista em outra cultura. Só então os leitores terão acesso a um mundo que nem desconfiam que existe. Só então o Prêmio cumprirá suas promessas, não sendo dado apenas a um autor a cada dois anos, mas sendo generosamente distribuído pelas crianças de todo o mundo.

O próprio Hans Christian Andersen escreveu em dinamarquês, uma língua falada por muitas e muitas vezes menos gente do que o português. No entanto, o mundo todo pôde conhecer suas histórias, porque elas foram traduzidas, devido ao fato de terem sido escritas num tempo em que estava em seu apogeu a preocupação romântica com a afirmação das nacionalidades, numa época em que o intercâmbio cultural era uma realidade na Europa e não existia uma hegemonia avassaladora de uma língua sobre as outras, como ocorre hoje.

Mesmo considerando que alguns idiomas tinham mais prestígio diplomático ou poder político, e eram mais difundidos que outros, não se apoiavam num sistema maciço e eficiente para reduzir os outros ao silêncio. Além do mais, como a Dinamarca fica no norte da Europa (perto das cidades sofisticadas que histórica-

mente constituíam as metrópoles dos grandes impérios ocidentais), e seus habitantes são louros e de pele clara (muito parecidos a seus vizinhos poderosos), não existiam grandes problemas contra a disseminação da obra de Andersen. Ficava tudo em família... Queria ver se a história fosse diferente. Se Hans Christian Andersen tivesse nascido brasileiro, mestiço e lá longe... Se fosse alguém como Monteiro Lobato, por exemplo. Nesse caso, por mais absoluta que fosse a excelência de sua obra, por mais carregada de qualidades artísticas, com toda a certeza o Prêmio que estou recebendo hoje não teria o nome dele. Em outras palavras, esse Andersen hipotético continuaria invisível. No máximo, seria um patinho feio. Para sempre.

Felizmente, não foi esse o caso. A obra de Andersen foi traduzida, celebrada em toda parte e o autor dinamarquês pôde ser reconhecido pelo que era: um lindo cisne. Foi até possível que uma medalha com seu nome fosse dada a duas autoras brasileiras, fazendo com que fôssemos festejadas e convidadas a nadar um pouco a seu lado num belo lago. Mas se nossos livros não forem traduzidos, junto com o de outros patinhos feios como nós (artistas nascidos no mundo do sul), um dia vamos descobrir que tudo isso não passou de uma ilusão. Vamos continuar no gueto, nadando numa pocinha de lama, uns bobos que acreditamos que alguma coisa ia mudar só porque um cisne bonito passou voando e se dignou a pousar por um instante junto de nós.

Pode parecer pouco delicado ou algo constrangedor levantar este tipo de questão num momento destes. Devia ser tudo festa e sorriso, mesuras e rapapés. Mas esta foi exatamente a primeira lição que aprendi com Andersen, quando ainda era tão pequena que nem sabia ler e, sentada no colo de meu pai, olhava as figuras do livro de histórias que ele me contava. É que às vezes é preciso gritar, bem alto para todo mundo ouvir, que as Roupas Novas do Imperador não são exatamente aquilo que todos estão fingindo ver.

E as ocasiões muito festivas e solenes podem ser exatamente a melhor oportunidade para fazer isso. Paradoxalmente, lançar a capa de visibi-

lidade sobre essas Roupas Novas pode acabar mostrando a verdade: que elas são totalmente invisíveis, pela simples razão de que não existem.

Por isso é que eu tenho que estender o alcance dessa capa e fazer com que ela mostre o que ainda está escondido. É tanta gente... Homens, mulheres, crianças... Não cabem entre estas quatro paredes. Mesmo se eu fizer o movimento inverso e tentar levar vocês para conhecê-los, não teríamos tempo para isso. Mesmo que os manitus, espíritos indígenas, nos fizessem conhecer todos os segredos das diferentes nações autóctones que já existiam neste continente quando os europeus chegaram. Ou os orixás nos revelassem toda a sabedoria ancestral que os africanos trouxeram para o Brasil nos porões dos navios negreiros. Ou um tapete mágico (ou gênio na garrafa) nos levasse ao Oriente Médio e nos oferecesse o tesouro que árabes e judeus nos deixaram de herança – seja através da nossa fecunda matriz portuguesa, seja diretamente viajando pelo sertão com seus baús de mascate, a vender bugingangas para gente esquecida de todos... Ou o peixe encontrado pelo pescador e sua mulher, no conto de Grimm, nos transportasse à terceira classe dos navios dos imigrantes portugueses, espanhóis, italianos, alemães, poloneses, suíços, ucranianos, sírios, libaneses, japoneses e nos fizesse ouvir suas histórias e canções. Mesmo com toda a magia, mesmo que nos multiplicássemos e cobríssemos outros continentes e séculos de História, seria difícil tornar visível para vocês, nos poucos minutos deste discurso, um dos seres mais invisíveis deste nosso mundo contemporâneo: aquele ser tropical que fala português, com as dores e as alegrias do Brasil. Mas não posso deixá-lo de fora. Sem este ser eu não existo, minha obra não existe, meu prêmio Andersen não existe.

Então, desisto de uma pretensão tão coletiva, e vou me concentrar apenas em evocar um único indivíduo, como símbolo de todos nós. Minha avó Ritinha, mãe de minha mãe. Uma mulher que nasceu e se criou na roça e só se alfabetizou em adulta. Mas contava histórias como ninguém, para encanto de seus 37 netos. E como ajudou a formar os

filhos com uma atitude que valorizava a educação e os livros, continuou agindo em favor das histórias e da literatura muito depois de morta. Depois de ganhar o prêmio, de alguma forma entendi que essa história começou com ela. E não posso deixar de convidá-la a estar aqui presente.

Logo que se anunciou que eu tinha ganho o Prêmio Andersen, começou uma roda-viva de entrevistas e homenagens. Quando, finalmente, consegui fazer uma pausa, eu precisava ficar sozinha, como já disse. Saí do meu apartamento no Rio e fui para minha casinha em Manguinhos, um povoado de pescadores no Espírito Santo. É uma casa pequena e simples, no quintal que divido com a casa que foi de meus pais, perto da casa que foi dos meus avós, entre casas de meus irmãos e primos. Fica entre árvores que eles plantaram, diante do mar, numa praia onde as tartarugas vêm desovar e os pescadores saem de barco toda madrugada. Lá eu encontraria o sossego de que estava precisando, para “visitar de novo os reinos silenciosos” de que fala Virginia Woolf.

Numa manhã, caminhando pela areia, pensei nos hibiscos e na pitangueira que iria podar à tarde, e me lembrei de minha avó. Desde 1922 ela teve sua casinha de verão em Manguinhos e sempre quis ter um jardim, comparável àquele inesquecível, que tinha em sua casa em Vitória. Tentou de tudo, jamais conseguiu. O vento era muito forte e salgado, o solo era muito arenoso, a água era escassa (e trazida de longe na cabeça, dentro de potes de barro, ou, mais tarde, puxada de um poço artesiano por uma bomba manual). No máximo, conseguia ter algumas suculentas bromélias, e uma ou outra planta nativa que sobrevivia naquele ambiente agreste. Nunca desistiu. Multiplicava os vasos de terra preta e boa, tratados com carinho individual. Mas jardim mesmo, nunca teve...

Na geração seguinte, quando já chegava a eletricidade ao local, minha mãe prosseguiu com aquele sonho e conseguiu dar uns passos adiante. Podendo regar as plantas, pôde explorar uma variedade de espécies bem maior – gramado, hibiscos, alguns arbustos. Mas o solo continuava

arenoso e o vento salgado continuava imbatível – os progressos não puderam ser muito grandes.

Jardim de verdade em Manguinhos ficou para minha geração. Minha irmã e eu adubamos o solo, trouxemos terra preta de longe, fizemos cercas contra o vento... E temos jardins floridos o ano inteiro, com a variedade e beleza que minha avó sonhou. Mas se ela não tivesse sonhado e nos transmitido esse sonho, não haveria nada, não teríamos trabalhado tanto para chegar lá. A nossos jardins tropicais, visitados por beija-flores e maritacas, bem-te-vis e cambaxirras, sanhaços e sabiás, caxinguelês e borboletas. Com certeza, muito diferentes do jardim delicado em que Polegarzinha costumava dormir na corola de uma flor, como contou Andersen na história que encantou nossa infância. Mas nosso jardim, lindo e integrado à paisagem à sua volta, fruto de muita trabalhadeira e paciência.

Fiquei pensando nisso – no jardim e na língua portuguesa, em minha avó e em Monteiro Lobato. Conseguir produzir flores num terreno agreste, flores que durem e resistam, não é tarefa para uma geração. Desenvolver uma literatura original (para

crianças ou adultos), semeada numa cultura periférica e ignorada, crescendo a ponto de florescer e ser cultivada, também não. Pressupõe continuidade de esforços. Exige um processo de tentativa e erro, uma seleção cuidadosa de sementes, um uso sábio de técnicas diversas, um equilíbrio delicado entre poda e adubação, pacientes exercícios de adaptação ao ambiente, redescoberta das espécies locais. Em outras palavras, pede um talento especial, muita força de vontade e muito amor, paralelamente a um bocado de trabalho e informação. Precisa de muita paixão e disciplina férrea.

Mas vale a pena. O resultado desse trabalho continuado pode ser uma alegria para sempre, aquela coisa toda feita de beleza, de que falava o poeta. Não porque nos jardins se possa colher louros para fazer as coroas que na Grécia antiga representavam as mais altas honras que um mortal podiam receber. Mas porque nos jardins se pode plantar as sementes daquilo que um dia trará a beleza das flores, o alimento dos frutos, a proteção da sombra, o oxigênio que nos permite viver.

E é nesse sentido que creio que o

significado do Prêmio Hans Christian Andersen, que tenho a honra de receber hoje, não está no passado, na celebração de uma conquista. Mas me espera no futuro, na esperança de realizar um sonho. O eterno sonho de um amanhã em paz, num mundo melhor, em que as pessoas recebam bem os que são diferentes ou estrangeiros e não os combatam por causa de uma diversidade de linguagem, religião, recursos econômicos, formação cultural, idéias e opiniões diferentes ou cor da pele.

Um mundo construído com a ajuda da palavra escrita, compartilhada por todos, e preservada em livros. Porque os bons livros, como os jardins, são filhos do tempo e portadores da vida. Constroem-se devagarinho, por meio do esforço coletivo, germinando de promessas enterradas. Mas têm o poder de cumprir essas promessas, alimentando-as com a memória e a imaginação da humanidade.

Talvez possam até fazer com que os sonhos se realizem. Por isso, fiquemos com eles. Pelo futuro adentro, carregados de esperança. Como um ato de fé ou uma aposta em tempos melhores. Muito obrigada. ■

PALAVRAS DE SILVIA CASTRILLÓN NA SESSÃO DE ABERTURA

É com grande alegria que estamos compartilhando com vocês o discurso feito por Silvia Castrillón, Diretora da seção colombiana do IBBY e diretora geral do 27º Congresso, no qual ela conseguiu expressar de maneira competente e bela o sentimento e as idéias de todos nós que batalhamos na América Latina pela defesa do livro de qualidade para nossas crianças:

Para começar, desejo agradecer a todos que têm tornado possível este Congresso: ao Comitê de Honra, na pessoa do Vice-presidente da República, Senhor Gustavo Bell; ao Comitê Nacional, presidido pela Diretora da Fundação Rafael Pombo, Senhora Clara Teresa Cárdenas de Arbeláez; ao Comitê Latino-americano, formado pelos Presidentes das Seções do IBBY, e a todo o IBBY, a sua presidente Tayo Shima e a sua diretora Leena Maissen; à Junta Diretora de *Fundlectura* e a toda a equipe de trabalho que me acompanhou durante quase cinco anos na tarefa de preparar o evento que hoje inauguramos. Aos conferencistas e palestrantes, aos autores e ilustradores, e demais participantes das atividades paralelas. Às empresas que patrocinaram e às instituições que apoiaram a realização deste evento, encabeçadas pelo Ministério da Cultura e pelo Instituto Colombiano do Bem-estar Familiar. E aos senhores participantes de 42 países. A todos

muito obrigada. E a todos convido a construir: Um Novo Mundo para um Mundo Novo.

Passados apenas 50 anos do nascimento do prodigioso invento de Gutenberg – o qual, segundo alguns, parece destinado à “lixeira da história” –, a Europa se encontrou com um Novo Mundo, que se somava a outros mundos sobre os quais o Velho Mundo mediterrâneo já tinha notícias, preconceitos e pressentimentos. O novo mundo recém-“descoberto” estava povoado por espécies vegetais e animais desconhecidas na Europa: o milho e o condor, o tomate e o jaguar, o tabaco e o jacaré, entre muitas outras. Também estava povoado por seres humanos que não se enquadravam na visão das tradições greco-latina e judaico-cristã, que integravam a síntese cultural dos “descobridores”. Nestas condições iniciais de estranhamento, o livro impresso foi um veículo fundamental para comunicar as notícias do Novo Mundo, bem como para

difundir neste doutrinas religiosas, valores, criações literárias, saberes filosóficos e científicos, e isso que se costuma chamar – com um termo já desgastado pelo abuso – imaginários. Iniciava-se, então, o diálogo de dois mundos, que era finalmente o de todos os mundos em que se manifestava, nessa época, a rica diversidade do “humano”. As diferenças – não as superioridades ou inferioridades – nas tecnologias do pensamento e do domínio material da natureza suscitaram a visão etnocêntrica que ainda impregna este diálogo. Porém, já desde essa época se levantaram também do Velho Mundo as vozes que advertiam sobre este viés: Montaigne, em seus *Ensaíos* (1580) sinalizou que, para se julgar os povos não-europeus, era inadequado adotar a perspectiva européia e cristã, e escreveu: “cada um chama barbárie ao que não se adapta aos seus próprios costumes”.

Hoje em dia todos “os mundos” (os três mundos de que se fala) estão imersos no processo objetivo da globalização, o qual se sustenta sobre dois elementos inter-relacionados: o livre jogo das forças do mercado, que elimina os médios e pequenos produtores e os países pobres; e uma complexa e sofisticada tecnologia, com investimentos de capital aos quais somente podem corresponder as potências mundiais e as empresas multinacionais. Este processo é de alto risco, já que suas conseqüências negativas somente poderão ser controladas com mais tecnologia e mais investimentos, gerando uma irreversível unidimensionalidade tecnológica orientada pelas leis da ganância e da rentabilidade. Em seu conjunto, o processo de globalização agrega grandes desequilíbrios econômicos e sociais em nível mundial e regional e uma situação de acentuada homogeneização cultural, situação que, como vêm advertindo muitos pensadores, constitui uma ameaça para a própria sobrevivência da espécie.

O processo de globalização, porém, é ambivalente: de um lado, incrementa a miséria e iguala culturalmente, e não necessariamente a partir do melhor da cultura chamada universal; e, do outro, cria redes de comunicação e manejo da informação cada vez mais universais, aproximando povos e culturas, oferecendo saídas alternativas frente aos poderes mundiais do dinheiro e da banalização da cultura. Nessas múltiplas redes e aproximações encontram-se também pontos de apoio para se ir gestando uma “sociedade civil internacional”, também globalizada, que tenha como interesse central a promoção e a defesa de valores humanos de alcance universal. Aqui entram, junto com o direito à vida – mas a uma vida espiritual e materialmente digna, de acordo com o que já alcançou a humanidade – a defesa das culturas regionais e das minorias, o direito à arte e à literatura, ao conhecimento científico e a outras manifestações que expressam a essência do ser humano como categoria universal não-abstrata, que se concretiza (por ser e por dever ser) em uma enorme diversidade. Aqui entra também, e necessariamente por nossa razão de ser, o direito ao livro e à leitura, preocupação central que define o IBBY desde sua fundação, e que dentro de seus objetivos se propõe a “difundir em todo o mundo (...) os livros de qualidade para crianças e jovens,

especialmente nos países em desenvolvimento (...)”, dentro da perspectiva de “promover o entendimento internacional através dos livros”.

Gostaria ainda de reafirmar o sentido universalista e de organização não-governamental do IBBY, posto que esses dois aspectos fazem de nossa organização um elemento idôneo para participar, dentro de nossa especificidade, da tarefa histórica, ética e política de conceber e propiciar formas inéditas de gerenciamento, administração e co-gestão que façam frente às novas situações derivadas do processo de globalização. Formas que, além disso, proporcionem maior equilíbrio e reciprocidade no intercâmbio das vozes e das obras dos criadores com os povos dos “mundos atuais”. O Novo Mundo e o Terceiro sempre estiveram abertos e receptivos para o Velho e o Primeiro, onde nem sempre a recíproca tem sido verdadeira. Diante deste fato devemos ser críticos e buscar soluções que permitam às crianças de todas as latitudes aproximarem-se e conhecerem a riqueza de outras culturas; e não deixá-las à mercê de uma visão restrita e esquemática da realidade mundial, que faz parte do processo de globalização e que se difunde maciçamente.

Para finalizar, gostaria de fazer uma digressão sobre o futuro do livro e da leitura, no momento em que estamos entrando – com conseqüências ainda imprevisíveis – na era do livro e das bibliotecas digitais e da leitura eletrônica ou através das telas. Temos ouvido todo tipo de vozes e presságios: alguns entusiasmados, outros apocalípticos. E nós, que temos feito da promoção do livro parte de nossa vida, também nos sentimos presas da dúvida e da incerteza: para onde vamos?; morrerá esse diálogo silencioso e meditativo entre os mundos exteriores e interiores, reais e imaginários, a que estamos acostumados com o livro impresso?; perderemos o sentido profundo da história e o passado que nos alimenta? Tantas perguntas, tantas respostas! Sven Birkerts anuncia que as conseqüências das novas formas de leitura serão a degradação da linguagem, a homogeneização da perspectiva histórica e a perda do eu. No meu modo de ver diria que há que se resistir aos efeitos negativos que estamos percebendo, mas também há que se resistir à nostalgia paralisante do passado. Assim também quando nasceu a imprensa se alçaram vozes para defender as vantagens do manuscrito, e rejeitar a nova tecnologia gutenberguiana. Preservemos o que pode ser resgatado do passado, mas resistamos também aos juízos precipitados sobre o novo. Estamos em uma época de crise, e “a crise – como escreveu Antonio Gramsci – consiste precisamente em que o antigo está morrendo”, e o novo, que nasce com dificuldade, ainda não adquiriu sua forma definitiva. Esperemos e trabalhemos combinando “o pessimismo da inteligência” com “o otimismo da vontade”, como também propunha Gramsci. Talvez fosse mais saudável deixar de nos preocuparmos e começar a nos ocuparmos das urgentes tarefas que nos são requeridas para criar “um novo mundo para um mundo novo”. Obrigada.

Trad. : Márcia Filgueiras Gonçalves

Entrevista com Anthony Browne, Prêmio Andersen de Ilustração

Em meio a tantas solicitações de autógrafos e de entrevistas no 27º Congresso do IBBY, o vencedor do Prêmio Andersen de Ilustração/2000 foi muito receptivo e simpático em responder a esta pequena entrevista. Ao saber que seria publicada no periódico da seção brasileira do IBBY – a FNLIJ, seus olhos brilharam de entusiasmo. Disse que tem muita vontade de vir ao Brasil e está torcendo para que seus livros sejam publicados aqui.

Notícias/FNLIJ: Como é seu processo de criação? Você planeja o que vai fazer antes de o livro ficar pronto?

A.B.: Para mim, as idéias chegam em momentos diferentes – no meio da noite, quando estou viajando, ou fazendo alguma coisa que não está conectada com o meu trabalho. Chegam livremente, sem vínculos com o que estou fazendo. Em geral, o livro fica pronto com mais de uma dessas pequenas idéias juntas. Começar um livro é como planejar um filme, e a primeira coisa que eu ponho no papel é um esboço da história.

Notícias: Como é ser criador de livros para crianças? É muito difícil fazer livros para este público leitor?

A.B.: Às vezes é difícil, às vezes parece fácil. Contudo, na maior parte do tempo, é a melhor, a mais interessante profissão do mundo. (Pelo menos para mim...)

Notícias: Pensando no papel do escritor, você acredita que pode persuadir os leitores com suas obras?

A.B.: Acredito que estimulo as crianças a ver, a sentir e a pensar. Eu não acredito que posso persuadir os leitores a fazer nada.

Notícias: Muitas vezes, as histórias surpreendem os leitores. Como pode uma história surpreender crianças, jovens e adultos?

A.B.: Talvez por levar os leitores (crianças, jovens e adultos) a pensar sobre alguma coisa que eles ainda não tinham experimentado antes.

Notícias: Como está sendo para você ser um ganhador do Prêmio Andersen?

A.B.: Estou muito feliz. Isto me certifica de que estou fazendo a coisa mais certa de minha vida, não me submetendo aos rumos mercadológicos da produção de livros para crianças.

Notícias: Falando sobre o futuro, o que poderá acontecer com os livros?

A.B.: Os livros vão permanecer. Eles podem até ficar menos populares, mas eu acho que as pessoas vão sempre querer livros. Eles são objetos lindos e também muito práticos.

Entrevista a Ninfa Parreiras, membro da equipe FNLIJ, em Cartagena de Índias/ Colômbia

A FNLIJ adquiriu diversos livros de Anthony Browne, que estão à disposição dos nossos sócios para leituras e pesquisas. Esperamos que os editores se interessem em publicar algumas de suas obras, pois este autor de fama internacional ainda está inédito no Brasil. Estes são os livros de Anthony Browne que passam a fazer parte do acervo do CEDOP/FNLIJ: *Un cuento de Oso* – México; * * *El libro de los cerdos* – México; ** *El túnel* – México; ** *Cosas que me gustan* – México; ** *Me gustan los libros* – México; ** *Willy el tímido* – México; ** *Willy el mago* – México; ** *Willy y Hugo* – México; ** *Willy el campeón* – México; ** *Gorila* – México; ** *Zoológico* – México; ** *Cambios* – México; ** *Voces en el parque* – México.

Catálogo divulga escritores e ilustradores latino-americanos

Um dos principais objetivos do Congresso para as seções latino-americanas foi o de divulgar os seus artistas. Com uma bela capa e excelente produção gráfica, foi produzido o *Catálogo de Escritores e Ilustradores Latino-americanos*, com o conteúdo fornecido pelas seções, onde aparecem mais de 200 autores. Foram ao todo 25 escritores e ilustradores brasileiros selecionados pela FNLIJ em 1999, para fazer parte deste catálogo, publicado pela Fundalectura especialmente para o Congresso, que contou com a colaboração de todas as seções latino-americanas (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, México, Peru, Uruguai e Venezuela). O catálogo será distribuído para editores de outros países, a fim de divulgar os autores da América Latina. Esta publicação foi feita exclusivamente para esta divulgação nos meios editoriais e conta com uma pequena tiragem. Há poucos exemplares disponíveis para a venda, que será feita nas seções latino-americanas do IBBY. Os interessados devem procurar a FNLIJ.

IBBY anuncia seus próximos Congressos

O International Board on Books for Young People – IBBY já anunciou onde será realizado do 28º Congresso, em 2002. Por ser o ano do Jubileu desta instituição, será realizado na Basiléia, na Suíça, onde se localiza a sede da entidade, de 29 de setembro a 3 de outubro de 2002, tendo como tema: “Livros Infantis como Tema Global: 50 Anos de IBBY”. O Congresso discutirá os 50 anos de atividade e influência do IBBY no mundo. Também já foram divulgados o local e data do 29º Congresso do IBBY: de 5 a 9 de setembro de 2004, na Cidade do Cabo, na África do Sul. O 30º Congresso, em 2006, provavelmente acontecerá na China.

Bookbird – Conheça a revista do IBBY no CEDOP/ FNLIJ. O número 4, vol. 30 de 2000 traz artigos sobre a obra de Ana Maria Machado e a de Anthony Browne. Você poderá conhecer também os escritores e ilustradores finalistas e o júri do Prêmio Hans Christian Andersen 2000. Para assinar, entre em contato com a revista por e-mail: ibby@eye.ch ou www.ibby.org

A FNLIJ agradece as carinhosas e incentivadoras mensagens recebidas, através de cartas, fax, e-mail, telefonemas etc., parabenizando-nos pela participação brasileira no 27º Congresso do IBBY. Pretendemos divulgar estas mensagens em próximas edições do nosso informativo.

As exposições do 27º Congresso do IBBY

Elizabeth Serra, secretária geral da FNLIJ, foi oficialmente convidada por Silvia Castrillón a abrir as exposições do 27º Congresso do IBBY. Em seu discurso, ela declarou estar sensibilizada com esta expressão de generosidade e de espírito da fraternidade, que caracteriza os gestos e as ações de todos os que trabalham na Fundalectura, seção colombiana do IBBY. E, em nome de todas as seções latino-americanas do IBBY, elogiou a equipe da seção colombiana, por ter vencido todos os problemas e desafios para que o “nosso sonho coletivo” se tornasse realidade: trazer novamente um evento deste porte para a América Latina.

E acrescentou: “Acreditando e defendendo os ideais de Jella Lepman, os IBBYs da América Latina têm sido, em seus países, pioneiros em levantar institucionalmente a bandeira da promoção da leitura e do livro de qualidade para crianças e jovens. A seção venezuelana foi a primeira a ser criada, seguida pelo Brasil, em 1978. Depois, mais nove países criaram seções nacionais, formando hoje uma rede que tem buscado construir um caminho comum de fortalecimento e divulgação da literatura criada e produzida em nossos países, bem como divulgar a literatura universal.

Para ser IBBY é necessário acreditar que é possível construir um mundo melhor. Um mundo em que todas as crianças receberão dos adultos o respeito e o afeto que merecem como pessoas, bem como todo o conforto e benefícios materiais necessários para o seu pleno desenvolvimento. Em um mundo em que a busca do lucro que explora e oprime o outro é a regra principal, o IBBY é uma trincheira de resistência na defesa dos direitos da criança.”

ESSAS FORAM ALGUMAS DAS EXPOSIÇÕES DO 27º CONGRESSO:

PRÊMIOS HANS CHRISTIAN ANDERSEN 2000

- Ana Maria Machado – categoria Escritor

A exposição apresentou os 30 anos de trajetória artística de Ana Maria Machado, em painéis fotográficos que mostravam as várias fases da vida de Ana e sua relação com a literatura. Foi criada pelo artista Ricardo Schöpke, que procurou mostrar, além de fragmentos dos textos e dos livros publicados, um pouco do cotidiano de Ana Maria. São fotos e objetos pessoais

importantes na vida da escritora, que expressam uma parte do seu entorno diário, grande inspirador de sua obra. A parceria entre a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e a Companhia Boto Vermelho, com apoio financeiro da Fundação Biblioteca Nacional e do Ministério das Relações Exteriores, tornou possível esta exposição.

- Anthony Browne – categoria Ilustrador

“Um olhar crítico muito particular e original sobre a realidade, no qual técnica, emoção e conhecimento se fundem brilhantemente.” Assim Elizabeth Serra, secretária geral da FNLIJ, descreveu os trabalhos do artista Anthony Browne, que puderam ser conhecidos na exposição montada pela Fundalectura no Museu Naval. E complementa: “Humorísticas, instigantes, provocadoras, minuciosas, cheias de metáforas, as ilustrações de Anthony Browne nos transmitem afeto e nos fazem parar para olhar os detalhes escondidos da vida. Sua obra atrai e encanta tanto a criança quanto os adultos, possibilitando ao leitor de cada idade leituras diferentes.”

A exposição de Anthony Browne foi criada, pensada e preparada por Daniel Goldin, com direção artística de Mauricio Gómez Morín e apoio das seções inglesa e colombiana do IBBY e das editoras Walter Books e Random House Group.

- Exposição Utopia apresenta 69 trabalhos selecionados

A exposição UTOPIA, que teve como objetivo promover e mostrar ao mundo o trabalho de ilustração realizado na América Latina e no Caribe, divulgada no Brasil pela FNLIJ, foi um dos eventos mais significativos do 27º Congresso.

“A solidão da América Latina”, fragmento do discurso do escritor Gabriel García Márquez ao receber o Prêmio Nobel, na Suécia, em 1982, foi o tema do concurso Utopia. Os vencedores foram Andrés Guerrero Laverde, da Colômbia; Rodez (Edgar Tito Rodríguez), da Colômbia; Fabricio Vanden Broek, do México; Rafael Yochteng, da Colômbia. Dez brasileiros foram selecionados para esta Exposição, como já informamos no Notícias 8 e 9.

A Editora Melhoramentos imprimiu o catálogo da Exposição Utopia, no qual se destaca a excelente qualidade gráfica das reproduções. Este catálogo, juntamente com outras publicações do 27º Congresso, está disponível para consultas no CEDOP/FNLIJ.

Equipe da FNLIJ no 27º Congresso do IBBY

Além de promover a presença brasileira em Cartagena de Índias, a FNLIJ pôde ser representada por cinco pessoas de sua equipe. Estiveram no 27º Congresso do IBBY, além da secretária geral Elizabeth D’ Angelo Serra, Laura Sandroni, Maraney Freire Costa, Elda Nogueira e Ninfa Parreiras.

A seção brasileira do IBBY conseguiu ter uma participação tão expressiva neste Congresso Internacional graças ao apoio do Ministério das Relações Exteriores.

Lembrete aos ilustradores:
As inscrições para a Exposição e o Catálogo de Bolonha em 2001 têm como prazo final o dia 1 de dezembro. Maiores informações na FNLIJ.

Prêmios e homenagens recebidos pela FNLIJ e por Ana Maria Machado

PRÊMIO “ESTÁCIO DE SÁ” PARA A FNLIJ

O Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro concede anualmente os Prêmios Golfinho de Ouro e Estácio de Sá, em diversas categorias, sendo que cada categoria tem dois prêmios (para pessoa física e pessoa jurídica). No dia 4 de outubro, foram divulgados os 11 vencedores deste ano, e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil foi a instituição escolhida para receber o troféu “Estácio de Sá”, na categoria Literatura e Lygia Fagundes Telles foi a indicada para o “Golfinho de Ouro” desta categoria. Além dos troféus, cada um dos vencedores recebe uma quantia em dinheiro no valor de R\$ 50 mil. Para a FNLIJ este prêmio representa não só o reconhecimento de um trabalho de mais de 30 anos, como também um importante recurso para atender aos diversos compromissos de ordem financeira. Os prêmios serão entregues em novembro, numa festa no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

A LEITURA E A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL RECEBEM A ORDEM DO MÉRITO DA CULTURA

Além deste Prêmio tão significativo, a secretária geral da FNLIJ e membro da Comissão Coordenadora do PROLER, Elizabeth Serra e a escritora Ana Maria Machado foram agraciadas com a Medalha da Ordem do Mérito Cultural, oferecida pelo Ministério da Cultura. A insígnia da Ordem do Mérito Cultural teve inspiração na Ordem de São Tiago, criada em 1179 por D. Afonso VIII, rei de Castela, tendo acompanhado ao longo dos tempos a história de Portugal e, depois, a história do Brasil, até os fins do Império. Foi restabelecida em 1995 pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso. Os contemplados receberão as medalhas no Palácio do Planalto, no próximo dia 7 de novembro, em cerimônia oficial que contará com a presença do Ex.mo Sr. Presidente da República. Ana Maria Machado também vai receber, da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), a Medalha Tiradentes. A cerimônia oficial será no dia 5 de dezembro. É mais uma merecida homenagem à nossa escritora internacional.

Dois Salões para encontros com escritores e ilustradores

Uma das novidades do 27º Congresso foi criar espaços de encontro com ilustradores e escritores que estavam em Cartagena de Índias. Foi um verdadeiro sucesso e certamente esta idéia deverá se repetir em outros Congressos. Como já noticiamos anteriormente, o Salão dos Escritores recebeu o nome de Monteiro Lobato, em homenagem ao “pai da literatura infantil brasileira”, e o Salão dos Ilustradores, por sugestão da FNLIJ, foi dedicado ao ilustrador japonês Mitsumasa Anno, que recebeu diversos prêmios e foi o vencedor do Prêmio Andersen em 1984. Este artista foi convidado para estar presente na abertura do Salão. Infelizmente, no Brasil ainda não há livros de Mitsumasa Anno publicados. A FNLIJ tem alguns no CEDOP, e esperamos que os editores que participaram do Congresso, e que lá conheceram o autor, agora se animem a publicá-lo.

Lista de Honra do IBBY

• exposição e catálogo •

No dia 19 de setembro, em Cartagena, aconteceu a divulgação da Lista de Honra do IBBY, integrada por autores, ilustradores e tradutores de 44 países membros. Já divulgamos, no *Notícias 9* deste ano, a relação dos brasileiros selecionados. Na cerimônia de entrega dos diplomas, no Centro de Convenções do 27º Congresso, esteve presente a escritora Luciana Sandroni. A surpresa da noite para os brasileiros foi ver a obra de Malba Tahan, *O homem que calculava*, entrar na Lista de Honra por sua tradução no Irã. Conheça o catálogo que divulga os escritores, ilustradores e tradutores que fazem parte da Lista de Honra/IBBY-2000 no CEDOP/FNLIJ.

Livros adquiridos pela FNLIJ no 27º Congresso

Além dos livros de Anthony Browne, o vencedor do Prêmio Andersen de Ilustrações, a FNLIJ adquiriu outros livros no 27º Congresso, que podem ser consultados e pesquisados no CEDOP

LIVROS DE MITSUMASA ANNO (PRÊMIO HANS CHRISTIAN ANDERSEN – ILUSTRADOR): *El viaje de Anno (III)* – Espanha • *El viaje de Anno (IV)* – Espanha • Publicação conjunta Fundalectura / International Reading Association – (MEMÓRIAS DO 4º CONGRESSO COLOMBIANO E 5º LATINO-AMERICANO DE LEITURA E ESCRITA): La formación de docentes: – memorias.

CAMELIA EDICIONES: *No todas las vacas son iguales*. Antonio Ventura. Il. Pablo Amargo (Premio Lazarillo de Ilustración – 1999) • *Yo, Milton*. Haydé Ardan. • *Milton y el cuervo*. Haydé Ardan. • *Milton va el veterinario*. Haydé Ardan. • *Animaluchos*. Lucho Rodriguez • *Yo miro, miro todo el tiempo*. Rufino Tamayo (texto e ilustrações). • *Al revés* (texto e ilustrações) Menena Cottin • *Agua del cántaro*. Clara Amelia Acuña. Il. Rodolfo Moreno Zepeda. • (Premio Carmen Lyra 1991 de Literatura Infantil e Juvenil) • ALFAGUARA: *La Mena y Anisilla*. Hernán Garrido Lecca. Il. Carlos Malásquez.

EDITORIAL COSTA RICA: *El Abuelo en el Espejo*. Jorge Charpentier. Il.

Faustino Chamorro Calvo.

EDICIONES EDIECUATORIAL: *Despierta y sueña*. Mercedes Falconí. Il. Mauricio Maggiorini.

2000 + 1 EDICIONES: *La fiesta de las letras*. Mercedes Falconí.

LIBRESA: *Cuando los sapos se enamoran*. Samy Bayala. Il. Tania Márquez H.

FARBEN GRUPO EDITORIAL NORMA: *El círculo de fogo blanco*. Lara Ríos. Il. Marianela Marín. • Instituto del Libro, Ministerio de Cultura, Juventud y Deportes – Costa Rica • *La peña Bruja*. Floria Herrero Pinto. Il. Fernando Carballo. • *La abeja haragana*. Horacio Quiroga. Il. Raquel Villareal. • *El carbon y la rana*. Rodolfo Dada. Il. Alvaro Borrásé.

EDITORA AO LIVRO TÉCNICO: *El lagarto amedrentado del jardín / O lagarto medroso do jardim* (Edição bilingüe). Ester Abreu. (Texto e ilustrações) Fernando Carballo.

Não perca o 2º Salão do Livro para Crianças e Jovens - FNLIJ, no Museu de Arte Moderna (MAM), no Rio de Janeiro, de 10 a 15 de novembro, com a presença de vários escritores e ilustradores, exposição e venda de livros em estandes de editoras e muitos outros eventos!



MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Ave Maria, BCD União de Editoras, Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Clínica Ênio Serra, Compór, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercuryo Jovem, Encyclopaedia Britannica do Brasil, Exped, Forense, Formato, FTD, Global, Hamburg Donneley Gráfica, José Olympio, Lê, Letras e Letras, Makron Books, Martins Fontes, Mazza, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, Paulus, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Relume-Dumará, RHJ, Rocco, Salamandra, Santa Clara, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Thex Editora, Stúdio Nobel, Villa Rica.

EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers •

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Magda Frediani

• Revisão: Elizabeth D'Angelo Serra e Magda Frediani • Diagramação: Marcelo Ribeiro

GESTÃO 1998-2001 • Conselho Curador: Altair Ferreira Brasil, Ana Lygia Medeiros, José Bantim Duarte, Lília Maria Alves, Maria Antonieta Antunes Cunha, Rafael de Almeida Magalhães Conselho Diretor: Laura Sandroni, Marcos Pereira, Regina Bilac Pinto (presidente) Conselho Fiscal: Celina Rondon, Henrique Luz, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Marcio Tavares d'Amaral, Regina Lemos, Terezinha Saraiva. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Claudio Mendonça, Ezequiel Theodoro da Silva, Edmir Perrotti, Ferdinando Bastos de Souza, Geraldo J. Pereira, Helena Rodarte, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murtinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e
receba mensalmente Notícias.
Tel.: (0XX)-21-262-9130
e-mail: fnlij@ax.apc.org
home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil tel.: (0XX)-21-262 9130 fax: (0XX)-21-240 6649 e-mail: fnlij@ax.apc.org